

“ALFABETIZAÇÃO EM OUTROS TEMPOS”: COMO APRENDEI A LER E A ESCREVER?

TATIANA RODRIGUES SIQUEIRA¹;
CHRIS DE AZEVEDO RAMIL²

¹*Universidade Federal de Pelotas – tati08rodrigues@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – chrisramil@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar resultados da ação “Alfabetização em outros tempos”, do projeto de extensão “Memórias da Alfabetização”, vinculado ao centro de memória e pesquisa Hisales¹. Esta é uma das atividades nas quais atua a autora deste trabalho, como bolsista de extensão desde o mês de junho deste ano, sob orientação da profa. Dra. Chris Ramil em coordenação conjunta com a profa. Dra. Eliane Peres, mentora da referida proposta originada em seus estudos.

Os dados apresentados neste texto decorrem da análise realizada a partir dos relatos de pessoas sobre a sua alfabetização, recolhidos com o intuito de revelar, valorizar e salvaguardar memórias de alfabetização. Iniciado em julho de 2020, trata-se de um projeto que valoriza a história da educação, em especial aquela que revela aspectos do cotidiano da sala de aula no que tange ao aprendizado da leitura e da escrita. Além disso, é uma iniciativa que procura valorizar as experiências, as histórias e as memórias das pessoas mais velhas.

Além disso, vale destacar que essa ação está sendo desenvolvida durante a pandemia de Covid-19, enquanto estamos em isolamento social, seguindo as recomendações dos órgãos de saúde. Por isso, nesse difícil momento que estamos passando, conversar e registrar a memória das pessoas é valoroso.

O incentivo à participação das pessoas por esses relatos pode dar voz a esses aspectos da educação. Para isso, embarcamos em uma viagem pelas memórias dos sujeitos que compartilham suas lembranças conosco. Neste sentido, é importante a reflexão sobre a constituição da memória, que é considerada:

[...] como um elo de ligação com o passado, na medida que revela nossa auto-imagem inserida no contexto histórico, com isso torna-se um documento vivo do passado que está em constante processo de transformação. É formada pelas lembranças coletivas e individuais, sendo estas complementares. Ao considerar que a memória individual é composta por símbolos, valores e normatizações evidencia-se o seu caráter social, permitindo constatar que esta é permeada pela memória coletiva (ISMÉRIO, 2007 p. 26).

Essa ação, além do objetivo de salvaguardar as memórias de alfabetização em outros tempos, tem como propósito publicar nas redes sociais *Facebook* e *Instagram* excertos selecionados dos referidos relatos que integram o banco de dados que está sendo constituído a partir do projeto, que segue em desenvolvimento. Nesse sentido, Silva (2007 p. 45) diz que “as palavras ditas tendem a se perder com o tempo, mas se escritas tendem a perdurar, pois escrever

¹ Hisales - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisa. Mais informações: site (<http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/>), redes sociais (Facebook: Hisales / Instagram: @hisales.ufpel) e e-mail (grupohisales@gmail.com).

é deixar marcas, deixar registros". Com isso, pretende-se uma aproximação com a comunidade em geral, por meios virtuais, como uma nova estratégia de investimento nas atividades de extensão, promovendo, assim, a valorização e o reconhecimento das memórias das pessoas sobre como aprenderam a ler e a escrever em outros tempos.

2. METODOLOGIA

A proposta da ação tem sido divulgada pelas redes sociais e pelo *Whatsapp*, convidando as pessoas a enviarem um relato sobre as lembranças de sua alfabetização. Os materiais recebidos costumam ser, em geral, por áudios de voz gravados, enquanto alguns são em formato de vídeos ou escritos².

A maior parte dos relatos, ao serem recebidos por áudio de voz, passam por um processo de transcrição para uma versão em texto³, para que fiquem armazenados também nesse formato no banco de dados que está sendo constituído, disponibilizando o conteúdo para pesquisas vinculadas à temática.

Até o dia 22 de setembro deste ano, a ação possuía um conjunto de 84 relatos sobre as memórias de alfabetização, com a colaboração de pessoas de idades variadas e oriundas de diversos estados do Brasil. A partir desse material, alguns relatos são escolhidos para terem excertos publicados nas redes sociais do Hisales (*Facebook* e *Instagram*), pelo destaque de partes que contenham informações que sejam expressivas e significativas. Esses trechos são organizados e editados em *cards* (formato de publicação de imagem), que apresentam, além do texto com o excerto, a identificação do nome, idade (se disser), cidade, estado e país. Na fase posterior, são publicados nas redes sociais, acompanhados de uma descrição.

Até o dia 18 de setembro de 2020, foram publicados 8 *cards* com excertos nas redes sociais, referentes a pessoas de diversas cidades e cujas idades variam de 48 a 105 anos (participante mais longevo da ação). Com esses 8 exemplos de trechos sobre memórias da alfabetização publicados, realizou-se uma coleta de dados e uma análise das informações, cujos resultados são tratados na sequencia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar-se o conteúdo dos excertos extraídos dos relatos das pessoas, muitas características podem ser observadas. Informações sobre métodos de ensino, locais e escolas, professoras, materiais didáticos, hábitos e aspectos da cultura material escolar, entre outros, são identificadas nas memórias dos participantes. Esses elementos constituem um campo potente para as pesquisas sobre as memórias da educação, em especial, nesse caso, da alfabetização.

Ao se pensar em alfabetização, geralmente a memória que se tem sobre esse processo aparece vinculada aos tempos de escola, característica essa que predomina entre os excertos conferidos. Entretanto, em algumas situações, esses fatores perpassam por outras esferas, assim como indicam alguns dos relatos analisados, no que se refere ao aprendizado em casa, por exemplo.

Os excertos analisados também mostram aspectos em comum, como a memória, por vezes muito querida, do nome da professora alfabetizadora e o método pelo qual os participantes foram alfabetizados - como o método global de contos e sílabas, além da referência à certas lições. O relato de Maria Julia Lessa

² Para divulgação dos relatos em pesquisas e nas redes sociais, há autorização das pessoas.

³ Na etapa inicial do projeto, as transcrições foram realizadas pela aluna Indiara da Silva, enquanto bolsista. Desde julho de 2020, essas demandas são realizadas pela autora deste trabalho.

Horta (78 anos), alfabetizada por volta de 1948, comentando sobre suas atividades na escola e de como recorda da primeira lição é um desses exemplos:

Aquele método era muito interessante, porque a gente decorava cada uma das páginas da história da Lili e o que eu mais me lembro, que nunca mais esqueci é a primeira lição: “Eu me chamo Lili”. “Eu comi muito doce”. “Você gosta de doce?” [...] “Olhem para mim, eu me chamo Lili”, foi assim, “Eu me chamo Lili”. “Eu comi muito doce”. “Você gosta de doce?”. E dali passava para outra história, trechos da história da Lili e a gente ia decorando e no final saímos lendo, no final do primeiro ano (HORTA, 2020).

A recordação do uso do método global de contos aparece em outros excertos, assim como uma referência à cartilha *Nossa Terra, Nossa gente*, título que comprova a circulação das publicações didáticas gaúchas nas escolas, como lembra Ingomar Storch (48 anos): “A professora escrevia as sílabas no quadro e a gente usava o livro *Nossa Terra Nossa Gente*, mas não levava pra casa, só podia levar o livro no terceiro ano” (STORCH, 2020). O material escolar também faz parte das memórias de alfabetização, como no excerto de Encília Meireles (87 anos), ao recordar o material usado na sua primeira escola: “O material era caderno, lápis e borracha, que a gente tinha pra apagar alguma coisa errada. A pedra não foi usada no grupo escolar. Eu usei pedra no outro colégio [...] Pedra era lousa, uma que se escrevia com giz [...]” (MEIRELES, 2020). Com a troca para a segunda escola, ela recorda que a marcou muito deixar a avó porque morava longe da escola. Já no caso de Vanda Neitzke (75 anos), ao recordar sobre o material usado nas suas aulas, ela usa a denominação ardósia para fazer referência à pedra. Segundo seu relato, apesar dos alunos usarem cadernos, a ardósia era usada para treino da letra, assim como também lembra quem foi seu professor alfabetizador, conforme pode ser conferido a seguir:

Fui alfabetizada em 1953, com 8 anos de idade, na Escola Silveira Martins. O meu professor era o pastor da comunidade. A gente escrevia o a, e, i, o, u, na ardósia e depois apagava, mas cada um também tinha seu caderno, eram cadernos finos. A gente lia nos livros. Cada turma tinha seu livro, no caso, livro didático. As provas a gente fazia em folhas, perto do Natal, era só uma vez por ano (NEITZKE, 2020).

A aprendizagem da escrita e da leitura acontece por diversas formas e com diferentes profissionais. Vanda Neitzke (75 anos) relata que quem a alfabetizou foi o pastor da comunidade (NEITZKE, 2020), enquanto que Antônio Karam, de 105 anos, lembra que aprendeu a ler com o guarda-livros (como eram chamados os contadores à época) do comércio do pai. Segundo ele, “O seu Luiz Farias me ensinou as primeiras letras e as quatro operações” (KARAM, A., 2020) e ainda acrescenta: “eu aprimorei aqueles primeiros estudos. Quando cheguei do primeiro ano, já o curso seguinte, tirei o primeiro lugar em Matemática, acertei as quatro operações e lá em casa souberam e fizeram uma festa!”. O início do seu processo de alfabetização não pode ser ignorado pelo êxito ao ingressar na escola e aprimorar suas habilidades.

Entre as recordações do início da alfabetização, é possível que se revele também características do contexto sociocultural do lugar (NOGUEIRA; ARRIADA; NOGUEIRA, 2007). Um pouco disso pode ser conferido no excerto de Ingomar Storch (48 anos), que indica que a gestão da sua escola era mista (pública e privada), visto que ele conta que a escola era mantida pela comunidade e a professora pelo governo. Este mesmo participante também faz referência ao maquinário e métodos de reprodução de materiais didáticos, ao destacar a presença da “máquina com álcool” na escola, em alusão ao mimeógrafo e às folhas

mimeografadas, estas inseridas no caderno como suporte: “Copiava no caderno e também tinha folhas que a professora passava na máquina com álcool. Meu caderno, no final do ano, estava bem grosso de tanta folha” (STORCH, 2020). Vale lembrar, ainda nesse tema, que uma das memórias mais recorrentes sobre a alfabetização é a memória olfativa do cheirinho a álcool das folhas mimeografadas.

Um outro aspecto citado nos relatos é a questão da arquitetura escolar e a referida localização. Sobre isso, em seu depoimento, Carlos Habeych Karam (92 anos), recorda do prédio em que ficava sua escola: “Lembro com saudade e guardo com carinho especial pelo prédio, hoje desativado, em uma avenida que está sendo requalificada atualmente (KARAM, C., 2020). Como já visto, uma memória nunca é igual a outra. Porém, é comum que os excertos mostrem nostalgia da época vivida. Assim como os aspectos aqui discutidos, existem outros tantos que podem ser analisados, para além dos exemplos brevemente apresentados, visto que o banco de dados reúne uma quantidade considerável de relatos, bastante variados.

4. CONCLUSÕES

A ação “Alfabetização em outros tempos” segue em desenvolvimento, mas observa-se, a partir dos resultados aqui brevemente apresentados, que os relatos sobre o processo de alfabetização narram os acontecimentos vividos e marcantes para as pessoas, cujas memórias podem ser semelhantes (como o nome da professora e método de ensino usado), mas também podem se diferenciar em outros questões (como o contexto e o lugar onde aconteceu a alfabetização e quem foi o profissional responsável por fazê-la, no que se refere aos âmbito escolar, doméstico, comunitário e religioso, por exemplo). Cada recordação fala por si só e conta uma história, sendo por isso tão preciosa de ser contada e atribuída aos estudos da história da educação.

Percebe-se, enfim, que há uma infinidade de questões que podem ser exploradas a partir das memórias da alfabetização de outros tempos. Esse processo “de viagem às memórias” não seria possível sem a colaboração de todos que têm participado relatando suas lembranças. Os dados aqui apresentados comprovam a pertinência do material investigado e a importante contribuição para as discussões em áreas e temáticas afins, o que se deve muito ao investimento do Hisales no entrecruzamento das ações de ensino, extensão e pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HORTA, Maria Julia Lessa. **Relato sobre sua alfabetização**. Pelotas/RS, 2020.
- ISMÉRIO, Clarisse. Memórias da alfabetização de uma escritora: Hilda Flores. In: PERES, Eliane (Org.), **Memórias da Alfabetização**. Pelotas: Seiva, 2007.
- KARAM, Antônio. **Relato sobre sua alfabetização**. Pelotas/RS, 2000.
- KARAM, Carlos Habeych. **Relato sobre sua alfabetização**. Pelotas/RS, 2020.
- MEIRELES, Ercília. **Relato sobre sua alfabetização**. Canguçu/RS, 2020.
- NEITZKE, Vanda. **Relato sobre sua alfabetização**. Arroio do Padre/RS, 2020.
- NOGUEIRA, Gabriela; ARRIADA, Eduardo; NOGUEIRA, Larissa. “Então nossa escola nasceu...”: lembranças do tempo de escola da irmã Anita Pastore. In: PERES, Eliane (Org.). **Memórias da Alfabetização**. Pelotas: Seiva, 2007.
- SILVA, Darlene. “Lutei muito para chegar onde cheguei”: escolarização de Ana Amélia Lemos. In: PERES, Eliane. **Memórias da Alfabetização**. Pelotas: Seiva, 2007.
- STORCH, Ingomar. **Relato sobre sua alfabetização**. Arroio do Padre/RS, 2020).